

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Toda a correspondência deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração

Rua de Payo Galvão — Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

A opinião pública

Geralmente o nosso povo permanece indifferente ás mutações da nossa politica; pouco lhe importa que o chefe do governo seja o snr. João Franco ou o snr. Hintze Ribeiro ou o snr. José Luciano: comtanto que os tributos não augmentem, elle deixa correr.

Isto é um mal, donde resulta a opinião pública ser uma ficção sem valor nenhum.

Entre nós não ha realmente opinião pública; o que ha sam opiniões particulares, que á fôrça de artificios, de insistencias e de manejos mais ou menos solapados se querem fazer passar por opinião pública.

Num regime constitucional os governos devem obter as indicações mais generalizadas e mais accentuadas da nação; ao seu modo de ver particular, individual ou pessoal, devem sobrepôr a resultante das correntes de ideias que circulam no povo.

Entre nós porém não se dá isso, porque entre nós nunca o regime constitucional foi lealmente executado; os governos dirigem-se pela sua opinião, e pouco se lhes dá do que a nação pensa ou quer. A opinião pública, quer esteja por elles, quer os contrarie, nem os lisonjeia nem os assusta. O seu principal ponto de apoio está em cima, não está em baixo; assenta na confiança da corôa e não na vontade popular.

E' um absolutismo mais ou menos disfarçado, mas verdadeiro absolutismo, e tanto mais repugnante, quanto é certo que é difficil exigir as responsabilidades a quem pertencem.

O governo pôde desculpar os seus actos com as imposições da corôa; a corôa pôde fugir á imputação das suas obras por meio da irresponsabilidade que lhe assegura a constituição.

No tempo do verdadeiro absolutismo sabia-se a quem se havia de pedir a responsabilidade da governação pública; havia um homem que, se tinha grandes attribuições, tambem tinha grandes responsabilidades, e que por isso precisava de proceder com cuidado para não incorrer nas iras da nação. Hoje não é assim; os governos fazem o que muito bem lhes apraz, e não se sabe bem de quem sejam as responsabilidades.

Entre nós o systema constitucional está profundamente viciado; posto que, theoreticamente considerado, seja um bello systema, praticamente tem dado mau resultado. E' um systema de ficções e de corrupções.

E de quem é a culpa? A culpa é daquelles que o introduziram cá, e tambem daquelles que agora ainda o defendem, e que comtudo não procuram instruir e moralizar o povo para o habilitar a formar a opinião pública.

O povo pela sua ignorancia não entende nada da engrenagem da administração pública, e por isso desinteressa-se della. Por outro lado os nossos homens publicos pelas suas contradicções e incoherencias caíram no descredito e não inspiram confiança.

O povo não se entende com os nossos homens politicos, porque elles lhe fazem as mais seductoras promessas, quando estão na opposição, e depois na posse do governo não cumprem o que prometteram, e até algumas vezes fazem o contrario do que prometteram. Fazem e desfazem leis com a mesma facilidade com que um bufarinheiro arma e desarma a sua tenda. A nossa legislação é um labyrintho inextricavel em que não ha fio de Ariadna que possa conduzir á saída.

Como é que o povo se ha de interessar pelos negocios da nação, se elle na sua maior parte ainda está envolvido nas espessas trevas do analfabetismo, e os nossos homens publicos o enganam e tratam sem consideração nenhuma?

Entre nós não ha opinião pública, porque os governos não querem que a haja, e assim lhes convem.

Se houvesse opinião pública, os governos forçosamente haviam de ter mais tento na administração dos negocios da nação; não esbanjariam como têm esbanjado na criação e manutenção das clientellas. O argos da opinião pública vigiaria todos os seus passos, observaria todos os seus movimentos, estudaria todas as suas medidas; e, quando visse que elles esquerdeavam do recto caminho, quando visse que elles cuidavam mais dos interesses particulares do que do bem publico, intimar-lhes-hia ordem de despejo, e elles não se poderiam sustentar.

Quando é que os nossos governos procuraram fazer que o acto eleitoral fosse uma coisa séria, representasse no seu resultado a vontade da nação?

Quando é que elles procuraram instruir o povo no gozo dessa grande regalia que as leis lhe concedem?

Os governos sam os primeiros a abusar; em lugar de procurar moralizar o povo, corrompem-no, fazem e consentem que se façam sobre elle as maiores violencias; dizem e proclamam que elle é eleitor, mas fazem delle um eleitor mechanico, inconsciente, forçado, e por isso irresponsavel. Não querem que haja opinião pública para ficarem mais livres nos seus movimentos.

P. A.

SCIENCIA PARA TODOS

A myopia

SUMMARY: A verdadeira causa da myopia—Porque é tam vulgar nos tempos actuaes.

As opiniões accordes de um crecido numero de sabios puseram fôra de duvida o facto de que a maior parte dos defeitos physicos de que adoece a humanidade sam devidos á imperfeita adaptação do organismo ás condições modernas da vida.

Um exemplo disto é a myopia, em todas as suas diversas e complicadas formas. O escriptor inglês Saleeby diz sobre este assumpto, que a causa principal das enfermidades dos olhos, tam frequentes nos paises civilizados é devida á influencia contraria que sobre os orgãos visuaes do homem exercem as manifestações mais communs da propria civilização, sendo a principal destas, pelos seus terriveis effectos, a leitura. Numa palavra, Saleeby conclue por declarar que o homem não nasceu para ler!

O exame anatomico e escrupuloso do interior dos olhos demonstra até á evidencia este asserto. A sua fôrma exterior e a natureza das suas lentes, assim como a disposição dos diversos orgãos accessorios, apresentam uma prova innegavel de que o orgão visual humano é um aparelho disposto sómente para ver a distancia, e pouco apropriado á visão immediata de pequenos objectos e caracteres. A leitura, que, além de encontrar-se em condições inadequadas para a visão, significa um esforço constante do nervo optico e dos centros cerebraes, não pôde deixar de affectar, de maneira lenta, a natureza dos olhos, deformando-os e adaptando-os para esse systema defeituoso de visão, tornando-os, por consequente, cada vez mais ineptos para verem a distancia. Uma prova mais, que se pôde adduzir em favor desta theoria, é o facto de que a myopia era desconhecida nas epochas antigas, e que fez a sua aparição sómente nos principios do seculo XIV, ou seja na epocha em que se inventou a imprensa e a leitura se começou a generalizar.

Ha tambem outras muitas cir-

constancias que contribuem para fazer prejudicial a leitura, sendo uma das principaes a imperfeição ou insufficiencia da luz que geralmente se usa de noite para ler. Os raios electricos dos fôcos incandescentes sam, conforme o demonstram distinctos homens de sciencia, muito prejudiciaes á vista, por causa da côr amarellada da luz e da intensidade offensiva delles. Este systema de iluminação, com ser tam nocivo, não é tanto como outros; exemplo, — o do petroleo, que é o peor para a vista até hoje conhecido.

O costume de ler por espaços relativamente largos de tempo, sem interrupção, é tambem prejudicial por motivos que facilmente se comprehendem, e pela mesma razão a leitura frequente de jornaes ou livros impressos em typos de demasiada pequenez, é das mais prejudiciaes, porque duplicam a má influencia que por si só tem a leitura sobre o sentido da vista.

A especie de papel e a côr delles influem tambem sobre a visão. Os impressos em papel assetinado ou brilhante nunca devem ser lidos com luz artificial, por causa da refração que na superficie das suas paginas soffrem os raios luminosos, o que determina um esforço maior dos olhos para ver com claridade as letras.

Os paises onde abundam os jornaes impressos com caracteres pequenos e onde ha maior afferro á leitura sam os que contam com o maior numero de myopes e presbytas, como succede por exemplo nos Estados-Unidos e na França, onde as estatísticas demonstram que a myopia existe nos seus habitantes na proporção de 15 por cento.

DR. ARCOS.

Agricultura

A grama

Não ha cultivador que não conheça e abomine esta graminea, que infesta os campos, resistindo a todas as tentativas para a destruir.

Do poder vegetativo desta planta damninha tenho eu aqui a dois passos um exemplo bem frisante, num vasto jardim fronteiro á minha habitação e onde ha annos vejo successivamente sementeiras de *ray-grass* positivamente suffocadas por uma pequena produção de grama que tem zombado do encinho dos trabalhadores.

O anno passado quis assistir aos trabalhos preparatorios da sementeira, e pareceu-me que a terra ficara limpa das hastes e raizes proliferas da grama, tal foi a quantidade que dos taboleiros se extrahiu e transportou para longe. Mas o facto é que tres meses depois de semeada a relva, já mal se podia dizer o que predominava: se o *ray-grass* se a grama. Como se explicava isto? Na semente do *ray-grass* haveria misturada alguma semente da-

quella graminea? Ou na terra havia ficado ainda tanta quantidade de raizes, escapando aos dentes do encinho e á vista dos trabalhadores, que pudesse em tam pouquissimo tempo resurgir a praga?

Penso que de ambas as causas poderemos accetar um pouco; mas creio tambem que para a reinvasão concorreu outro elemento com que não se contava — o estrume que foi empregado nas sementeiras e em que havia raizes de grama que não tinham ainda perdido a faculdade vegetativa.

E esta observação, que rigorosamente não posso garantir como exacta, é em todo o caso bastante plausivel, para me permittir o fazer sobre o assumpto algumas reflexões.

Conhecido o papel funesto que a grama exerce nas culturas, o agricultor não precisa que o instiguem a extirpar aquelle inimigo dos seus terrenos.

Onde quer que a encontra, quasi instinctivamente a arranca. Simplezmente o trabalho de destruição raras vezes é methodico e completo. Que importa que de um campo tenha sido arrancada a maior parte das raizes, da grama que ali vegetava, se, pela prodigiosa fôrça de vegetação que caracteriza essa planta, basta que fique no campo, em pequenos fragmentos, uma centesima parte das raizes, para que em pouco tempo se multipliquem e reapareça o inimigo, tam impertinente como dantes? O trabalho de extirpação, para ser efficaç, precisa antes de tudo ser completo, radical, e nunca este termo poderá ser mais propriamente empregado. Queremos desembaraçar de grama um campo? Começemos por fazer uma lavoura superficial em tempo secco, quando a terra se deixe trabalhar e dividir facilmente, de maneira que ponhamos a descoberto as raizes. Isto preferivelmente na época de repouso da vegetação da grama. Deixemos passar alguns dias sobre essa lavoura, e demos uma gradagem com uma grade de dentes de ferro, apertados, para trazer todas as raizes á superficie do solo; e por ultimo, com um encinho mechanico, ou com os encinhos usuaes de mão, levantam-se essas raizes, de uma a outra ponta do campo, reunindo-as em montes, e tirando-as dahi em carros de mão ou por outro qualquer meio de transporte.

Mas isto, que não é novidade, e que, com alguma variante se pratica em toda a parte, ainda não basta.

Suppondo que o campo ficou bem limpo das raizes, e que estas foram mui cuidadosamente retiradas dalli, resta ter em vista o destino que se lhes dá; porque se não houver o cuidado de lhes acabar com a raça, deixem-me assim exprimir, o que ha de mais provavel é que em boa parte as raizes ainda passado bastante tempo voltem a infestar o campo ou vam invadir outro. Foi, a meu ver, o que se passou no caso a que acima alludo, empregando-se

A Restauração

estreme a que havia sido adicionada a grama procedente da extirpação anterior.

Ha quem tenha aconselhado que se dê as raizes da grama, previamente lavadas, ás vaccas e porcos, que parece as acceitam com prazer; ha quem as mande aproveitar na cama dos animaes, para fazer estrume; e ha muito quem as deite, sem outra preocupação, para a estrumeira.

A primeira destas tres praticas é a menos inconveniente; mas não me parece que valha a pena, a por um limitado proveito economico, correr o risco probabilissimo de se espalharem algumas raizes. As outras duas praticas sam incontestavelmente perigosas, porque as raizes de grama decompõem-se difficilmente—e lá temos então o inconveniente de voltarem ainda á terra com sufficiente vitalidade para renascem.

Que é então que se nos impõe, como operação complementar da extirpação? Queimar immediatamente, inteiramente as raizes, fóra do campo, comtanto que a incineração seja completa. E nisso ha dupla vantagem: destruir-se completamente um inimigo, e converter-se num beneficio, que outra coisa não é o que resulta das cinzas produzidas, contendo elementos fertilizantes da terra.

Portanto, e resumindo: Arranquem, estirpem da terra a raiz completa da grama—e queimem-na, que das suas raizes não resurgirá ella, como a Fenix da fábula.

Julio Gama.

LITTERATURA

O Lado aberto

Meu doce Bem, com que extremo
De novo me penhorais,
Depois de tantas e taes
Finezas de amor supremo!

Se a maior, como dissestes,
E' dar pelo amigo a vida,
Já por mim a vossa destes
Com troca não merecida.

Mas subindo aqui de poncto
Amor no modo e no effeito,
Deixais romper vosso peito
Para me acolher mais prompto.

Sangue com agua da chaga
Saiu logo de repente,
Sangue que sobre na paga,
Agua que me lave e alente.

Pois não bastavam já tantas
Cruentissimas feridas
E tantas gottas vertidas
Dessas veias sacrosanctas?

Não remistes todo o mundo?
E mundos mil, se os houvera?
Com que mysterio profundo
Soffreis morto a lança fera?

Sam João o descobriu
E Agostinho bem o alcança,
Que não se cravou a lança,
Mas qual chave a porta abriu.

Á vossa Igreja brotaram
Desse aberto manancial
Os sacramentos, que saram
Com remedio divinal.

Como sempre anda em guerra
Contra nós a natureza,
Conforto á nossa fraqueza
Quisestes deixar na terra.

Tambem penso que se abra
Por si mesmo o vosso Lado,
Para mostrar-nos sem ira
CORACÃO tam aggravado.

Mas, senhor, (dizei-me, rogo.)
Pois no corpo, quando morre,
O sangue, que já não corre,
Todo se congela logo;

Como em Vós do que restara
O CORACÃO se despoja?
Como, se todo gelara,
Liquido de si o arroja?

Ai, meu Deus! o vosso amor
Nisto vejo quanto é forte,
Que ainda depois da morte
Se conserva em seu primor.

Para que elle só impere
E ganhe mais esta palma,
A Longuinhas, mal vos fere,
Dais vista de corpo e de alma.

Quando iroso a lança applica,
O sangue vivo que sai,
Até aos olhos lhe vai
E dentro na alma lhe fica.

Oh bondade incomprehensivel!
Oh misericordia immensa!
Que com ternura indizivel
Pagais sacrilega offensa!

Quem, ternissimo Jesus,
Quem ousara temerario
Arrombar esse sacrario,
Se não fosse baldó á luz?

Mas, já que a um cego tam cego
Mostrais a luz verdadeira,
E de lagrimas num pego
Se desfaz sua cegueira:

Dai-me tambem luz interna
Para meus erros chorar,
Para sempre vos amar
E ver-vos na gloria eterna.

J. S. C.

CURIOSIDADES

Um carvalho casamenteiro.—Desde seculos que um carvalho de dimensões gigantescas, das vizinhanças de Stadtilm, affrontava a furia dos outros. Pouco e pouco esgotado por tantas furias seculares, esta arvore historica houve de ser abatida. A sua morte foi um acontecimento na região, porque muitos idyllios se idearam á sua sombra. O seu tronco fez o officio de agencia matrimonial. Quando um rapaz ou uma rapariga sonhava em formar casa, o velho carvalho é que se tornava o seu confidente. Em lugar de fazerem conhecer o seu projecto por meio de annuncios, como hoje se usa, os convidados ao matrimonio redigiam uma nota anonyma e pregavam-na na casca da arvore. Se uma alma irmã chegava a ler o bilhete, nesse mesmo bilhete marcava a hora duma primeira entrevista sob a verde folhagem desta silenciosa testemunha. Muitos casoes do pais provam ainda, que esta usança produziu numerosos casamentos.

Um grande preguiçoso.—O homem mais preguiçoso do mundo é por certo o irlandês Thomson. Deitou-se em 1877 e não se tornou a levantar senão ha coisa de tres menses. Escusado será accrescentar que elle se tornou a deitar e não quer que o incomodem. Thomson vive com a sua mãe Clara na Irlanda. Um bello dia cansado com esforços que tinha feito ou aterrado com a perspectiva dos que teria a fazer no curso da sua existencia, deitou-se e não se tornou a levantar. Toda a sua mocidade e toda a sua virilidade a passou indolente no seu leito. Uma doença grave da sua mãe é que ultimamente o obrigou a levantar-se. Fatigado com o esforço, tornou-se a metter logo na cama, depois de ter mandado

conduzir a sua mãe ao hospital. —Um caso semelhante se dá com o escriptor americano Mark Twain. Passa a sua vida na cama; ali come, bebe, fuma e escreve sobre tudo. Entre nós tambem houve um archeologo celebre que tinha uns habitos muito parecidos com os deste escriptor americano.

Castigos.—Em Chicago offereceram a um desgraçado malfeitor o escolher entre a prisão e 1:000 pontapés no fundo das costas. Elle preferiu os 1:000 pontapés á prisão. Foram-lhe dados com uma machina accionada por um motor electrico. O pobre homem ficou com o assento todo esfarrapado e perdeu por muito tempo a possibilidade de se assentar. —O ministro da justiça na Dinamarca publicou os resultados duma lei posta em vigor desde 1905 e que estabelece a bastonada. Os resultados sam excellentes. Só foi preciso applicá-la tres vezes. Diminuiram numa proporção enorme os attentados contra as pessoas. Os malfeitores têm um evidente terror á punição corporal e no entretanto riem-se da prisão. A bastonada é dada com um rotim. Uma pessoa muito desmoralizada não se corrige sem castigos corporaes.

Duello.—O duello no Japão é formalmente prohibido sob penas muito severas, e nisto nos dá essa poderosa nação um bello exemplo. Para derimir uma questão o meio que ha é fazer *hava kiri*, isto é, abrir-se a barriga. Por conseguinte dois barbeiros de Osaka tiveram uma questão e, muito embaraçados para a liquidar, escolheram um amigo commum para arbitro. Este, depois de ter maduramente reflectido, decidiu que os adversarios se bateriam a golpes de queixo. Ligaram-lhes as mãos por detrás das costas e, para evitar o emprego de dentes no accesso da luta, açaimaram-nos. Neste estado os dois barbeiros diante de numerosos espectadores entregaram-se a um combate que excitou convulsivas hilaridades. Os combatentes todavia não se magoaram perigosamente. Ficaram livres por um doloroso e tenaz torcicollo.

Marinha.—O conjuncto das construcções do mundo inteiro para a marinha mercante elevou-se para o anno de 1906 a mais de 4.000.000 toneladas, dando assim sobre o anno de 1905 um augmento de quasi 1.500.000 toneladas. A Inglaterra vem na frente com 1.820.343 toneladas num augmento de 764.000 toneladas sobre 1905, fazendo o desfalque de tonelagem de navios sinistrados ou vendidos ao estrangeiro. Este augmento gigantesco de 764.000 toneladas representa 50,9 por 100 da construcção mundial da marinha mercante. Em seguida vem a Alemanha. Construe hoje nos seus estaleiros umas 318.000 toneladas, quando de 1886 a 1899 a sua construcção global era de 152.000 toneladas. Actualmente os estaleiros allemães têm construido vapores de mais de 19.000 toneladas e veleiros de mais de 5.500 toneladas, de cinco mastros. Era no momento em que a Inglaterra acabava a construcção do *Lusitania* com 32.000 toneladas. Nós, que somos uma nação essencialmente maritima e que noutros tempos tivemos a primeira marinha mercante do mundo, nem ao menos somos nomeados nesta nota, porque os nossos progressos neste ponto sam quasi insensíveis.

NOTICIARIO

SS. Sacramento.—Realiza-se hoje, com a solemnidade costumada, na igreja parochial da freguesia de S. Paio, desta cidade, a festividade ao Santissimo Sacramento, constando de missa solemne a grande orchestra de manhã, e de tarde vespersas e sermão, saindo em seguida uma luzida procissão, que percorrerá o itinerario do costume.

Instrucção de reservistas.—O snr. ministro da guerra determinou que em cada districto de recrutamento e reserva do continente, sejam convocadas para serviço ordinario, por 30 dias, a começar em 1 de agosto proximo, 200 praças da 2.ª reserva ou alistadas como refractarios.

Aos reservistas será ministrada a instrucção de tiro elementar de 2.ª classe, aproveitando-se tanto quanto possível os dias feriados.

Para se compensar a despêsa com o chamamento dos reservistas, os commandantes dos campos de todas as armas poderão conceder licenças registadas a todos os soldados que as requisitarem ainda que estejam no 1.º anno do alistamento.

Jardim publico.—Toca hoje, no jardim publico, das 7 ás 9 horas da tarde, a banda regimental de infantaria 20. Executurá o seguinte programma:

1.ª PARTE

Gracia Espanola—Passo doble, Garcia.

Raimona—Simphonia, Ambroise Thomás.

Ce que femme veut—R. Bergea. *Cavallaria Rusticana*—Opera, Mascagni.

2.ª PARTE

Ensemanza Libre—Zarzuella, Gimenez.

Loin du Pays—Valse lente, R. Berger.

Homenagem—Marcha militar, Figueiras.

Hymno Nacional.

Creche da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.—Durante o mês de maio houve o seguinte movimento:

Foram admittidas 9 creanças, sendo de 182 a frequencia total durante o mês.

Donativos em dinheiro.—Dos snrs. Conde de Margaride, 50.000 reis; dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, 10.000 reis; D. Lucrecia Rosa de Jesus Fernandes, reis 20.000; D. Delphina Rosa Guimarães, 2.500 reis; D. Luisa Cardoso Martins de Menezes, 10.000 reis; Antonio Maria Duarte Ribeiro de Carvalho, 2.500 reis; Conego Manuel da Silva Baccellar, 1.000 reis.

Outros donativos.—O snr. Augusto Mendes da Cunha, ministro da Ordem, fez toda a despêsa de mobiliario, roupas, louças, etc.; Padre Antonio Augusto Monteiro, secretario da Ordem, 45 metros de panno de linho; Padre Gaspar da Costa Roriz, commissario da Ordem, um tinteiro de prata; anonymo, 6 voadores para as creanças e uma porção de sabão; anonymo, 18 metros de panno de linho fino.

A Creche foi visitada por 167 pessoas, havendo uma geral impressão de agrado pelo asseio e boa ordem da sua installação.

Mês de Maria.—Como conclusão dos piedosos exercicios do mês de Maria realizou-se antehontem, na igreja do Seminario, uma luzida festividade a Nossa Senhora de Lourdes, que constou de missa cantada a grande instrumental de manhã e de tarde sermão, ladainha e benção do Santissimo.

Obras municipaes.—Foi approvedo superiormente o projecto e orçamento da camara municipal desta cidade na importancia de 216.500 réis para obras de reparação e melhoramento do caminho municipal desde a estrada districtal n.º 17 aos logares do Carvalho e Portella e desde o Carvalho a Supalheiros, na freguesia de Gonça.

Coracão de Jesus.—Os piedosos exercicios do mês de Jesus fazem-se na igreja do Seminario ás 6 horas e meia da manhã e na capella da Veneravel Ordem Terceira de S. Dominos ás 6 da tarde.

Curso medico de 1880.—Na ultima segunda-feira reuniram-se em casa do snr. dr. Augusto José Domingues de Araujo, digno major-medico de infantaria 20, alguns dos seus condiscipulos do curso de 1880, para solemnizarem aquella data festiva e de saudosas e gratas recordações para elles, pois que representava a conclusão dos seus trabalhos escolares.

Ao jantar, que decorreu alegre, como era de esperar, assistiram os snrs. drs. Tito Fontes, Joaquim José de Meira, Julio Franchini, João Julio A. Vieira Barbosa, Antonio Martins Lima e José Viegas, faltando outros condiscipulos que justificaram a sua não comparea.

A questão academica.—Em 3 do corrente mês tñham encerrado matricula na Universidade 648 estudantes, sendo 39 em theologia, 400 em direito, 59 em medicina, 142 em mathematica e philosophia e 8 em pharmacia, havendo perdido o anno, por faltas, cerca de 100 alumnos.

Obras na torre do Castello.—Foi communicado á camara municipal deste concelho, pela repartição de engenharia militar, que o ministerio da guerra ia proceder ás necessarias reparações na torre de menagem do Castello desta cidade, perguntando tambem se a camara podia para esse fim concorrer com quaesquer materiaes ou algum subsidio.

A Camara deliberou inserir no 1.º orçamento suplementar a verba de 100.000 reis para as alludidas obras.

Emigração.—Durante o mês de maio findo foram concedidos passaportes, no governo civil de Braga, a 320 emigrantes, sendo 240 varões e 40 femeas.

“Portugal”

Diario catholico, de Lisboa

Vende-se todos os dias na Typ. Minerva—R. de Payo Galvão, e avulso pelas ruas.

V. O. T. de S. Francisco. — Procede-se no domingo ultimo á eleição da meza da V. O. T. de S. Francisco para a gerencia do anno de 1907-1908, sendo eleitos os snrs:

Ministro, Augusto Mendes da Cunha;

Vice-ministro, Antonio José de Faria;

Secretario, Bento José Leite; Vigario do culto, Padre Manoel Ferreira Ramos;

Syndico da Repartição da Ordem, João Fernandes de Mello;

Syndico da Repartição do Hospital, José da Silva Guimarães;

Syndico da testamentaria e aulas, José de Freitas Costa Soares;

Syndico do Lausperene, Joaquim Luciano Guimarães;

Syndico dos entrevados, José Antonio dos Santos;

Definidor ecclesiastico, Padre Antonio Teixeira de Carvalho;

Definidores seculares, José Antonio de Castro, José Martinho Fernandes e Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães;

Mordomos da cera, João Paulo da Silva e Fernando do Nascimento Pereira Pavão;

Zelador da roupa do hospital, Francisco de Freitas;

Thesoureiro dos habitos, Domingos José Leite Mendes;

Sacristãos do culto, Domingos José da Silva e José Mendes Salgado;

Mestre de noviços, Antonio Francisco Lobo;

Ministra, D. Luisa Cardoso Martins de Menezes;

Vice-ministra, D. Maria Emilia Teixeira da Costa Freitas;

Sacristãs do culto, D. Maria Rita Xavier, D. Anna Maria Mendes, D. Maria de Oliveira Costa Roriz e D. Maria da Assumpção de Sousa Carvalho;

Mestra de noviças, D. Esperança Dias de Abreu Ramos.

Nominação. — Foi nomiado administrador do concelho de Taboão o nosso conterraneo snr. dr. Luis Augusto de Freitas, digno conservador do registo predial naquella concelho.

Os nossos parabens.

A's corporações parochiaes e parochos.

— Na typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, acham-se á venda impressos para orçamentos e contas de receita e despesa, com frontespicio e folhas intercalares, em bom papel de linho, para irmandades, confrarias e juntas de parochia. Cada caderno custa 70 reis.

Tambem se encontram á venda impressos para cadastros de desobriga, em papel de linho de 1.ª qualidade. Cada caderno, com a respectiva capa, 80 reis.

Bilhetes postaes, illustrados com o retrato do Santo Padre Pio X em oleographia, a côres, a 20 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferivel ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo cartão *couché*, com photogravuras de Marques Abreu & C.ª, do Porto, a 20 reis cada um. Por collecção, que consta de 14 exemplares com 17 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Os beneficios da confissão

58 pag. em 8.ª

Vêr o annuncio—Livros religiosos.

Livros escolares. — Na Typographia Minerva, á rua de Payo Galvão, em frente á praça do Mercado, acham-se á venda livros escolares officialmente approvados para as escolas primarias.

Sellos para collecções.

— Na Typographia Minerva, á rua de Payo Galvão, acham-se á venda cartas com 25 sellos differentes a 20, 30, 40, 50 e 100 reis.

Aviso aos colleccionadores philatelicos.

A Cruz Alliviada

112 pag. em 16.ª grande

Vêr o annuncio—Livros religiosos

Camara Municipal.

— Em sessão de Camara, effctuada no dia 29 do mês de abril, o vereador snr. José Pinheiro pediu ao snr. presidente que o informasse se já tinha procedido ao estudo da situação financeira do municipio, conforme a deliberação tomada em sessão de 16 de janeiro do corrente anno para a Camara se habilitar a resolver sobre a proposta então apresentada pelo snr. vereador Freitas Ribeiro a proposito do subsidio a conceder á Associação Commercial, para as festas gualterianas, tanto mais que julgava opportuno que a Camara tomasse uma deliberação sobre este assumpto, attendendo a que a Associação Commercial já tinha iniciado os trabalhos da subscrição para aquellas festas na cidade. O snr. presidente declarou que foi votada

naquella sessão uma proposta do snr. Conego Vasconcellos, cuja execução opportunamente communicará á Camara.

Deliberou mandar annunciar a arrematação da obra de parte do projecto de reparação e melhoramento, que consiste no desvio da estrada districtal numero 17, estabelecendo uma recta entre a rua dos Duques de Bragança e o campo do Conde D. Henrique, desta cidade, sob a base de licitação de 1:343\$284 réis.

Pelo snr. vereador Gualdino Pereira, foi feita a seguinte proposta: «Proponho que a Camara mande estudar e orçar uma variante á rua

projectada entre o largo de D. Afonso Henriques (S. Francisco), ao Campo da Feira, de maneira a sair perpendicularmente sobre este largo, ou pelo menos que se approxime o mais possivel da normal, pois que em obliquo como consta do projecto approved, quasi que inutilisa para construcções todos os terrenos que côrta, além de que sam excessivamente pantanosos, e, portanto, insalubres para edificações. Esta rua faz parte do projecto de alargamento do Campo da Feira, parte desse actualmente em execução.»

Foi approvada por unanimidade. Auctorizou diversos pagamentos.

Acaba de apparecer a 8.ª edição deste livrinho em bom papel, 50 paginas cheias, esmeradamente impresso em typo elzvir, e aformoseado com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude.

Preço 50 reis

A' venda nas principais livrarias de Lisboa e Porto.

A quem o pedir em numero—para propaganda, ou para collegios e estabelecimentos de caridade, far-se-hám abatimentos proporcionaes, custando:

10 Exemplares 450 reis
25 " 1000 "
50 " 14750 "

Pelo correio, mais 25 reis por cada dezena de exemplares.

Dirigir os pedidos á

Typographia

Minerva Vimaranesense

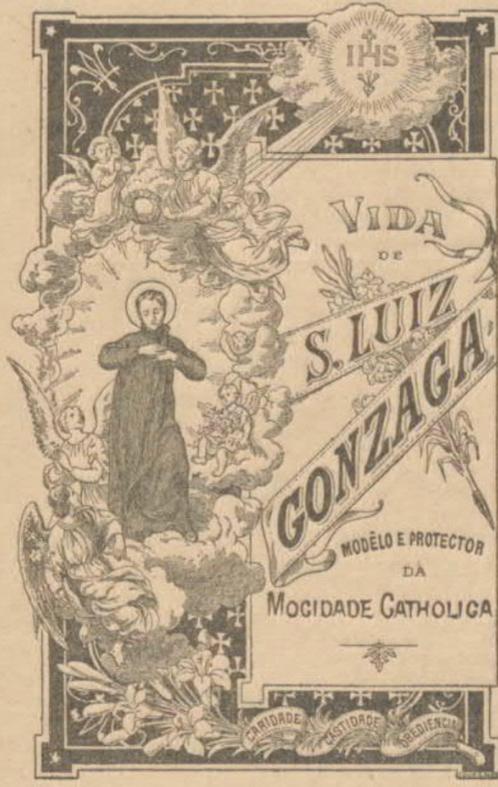
Rua de Payo Galvão

ou á

Eschola Apostolica

Rua do Santa Luzia

GUIMARÃES



admiravel ainda do que os dois anteriores; é o heroísmo da caridade. Nada perdereis por serem sacrificadas a estas bellissimas histórias as habituaes reflexões: taes exemplos sam mais eloquentes do que todos os discursos.

Andava em passeio a divisão média dum collégio de Lyão. Durante a primeira parte do passeio, Isidoro, creança de mau character, que um teimoso catarro tornava ainda mais enfadonha do que era costume, inflingira toda a espécie de travessuras a um companheiro mais novo, de nome Agustinho, que caminhava adeante delle.

Era tempo de inverno: o chão estava coberto de neve. Chegada a uma vasta planície, a jovial companhia teve licença para se entregar livremente aos seus exercicios favoritos.

Na occasião da volta, um espesso nevoeiro se espalhou de repente na atmosphera. O frio era glacial; e o prefeito da divisão, para encurtar o caminho, tomou a direito por um sitio pouco frequentado, que corria ao longo dum rio.

Emquanto cada qual estugava o passo e procurava precaver-se do melhor modo contra o frio, um lamentavel accidente sobreveiu a Isidoro, que não cessava de praguejar contra o nevoeiro. Um forte pé de vento lhe tirou da cabeça o barrete e o fez voltar no meio do rio.

Era inutil pensar em o apanhar e ainda menos em cobrir a cabeça com elle depois de semelhante banho em agua gelada. Que fazer? Entrar em Lyão com a cabeça descoberta, com tal tempo, seria uma imprudência para qualquer pessoa: mas para Isidoro, já encatarrado, era caso para esperar qualquer mal mais grave.

O pobre estudante chora e parece interrogar com a vista os companheiros que o cercam. A maior parte mostram-se indifferentes; alguns manifestam-lhe compaixão: mas não sobe á cabeça de nenhum socorrê-lo com seu próprio perigo.

De repente dirige-se um alumno para elle, e, tirando o barrete, põe-lho resolutamente na cabeça, dizendo-lhe com amavel sorriso: «Isidoro, experimenta se elle te serve...»

Mas quem é este alumno?... — E' Agustinho, aquelle companheiro, contra o qual, ainda ha pouco, se descarregava todo o mau humor de Isidoro.

Que generosa creança!... Bem se vê que se lembrou da palavra do Salvador: «Fazei bem aos que vos fazem mal.»

Eiz o triumpho da caridade. Não vos parece, meus caros amigos, que qualquer destes exemplos é digno de applauso e admiração? E, se vós os imitasseis, quem lograria escurecer a vossa glória?...

(CONTINUA).

RECORDAÇÃO DE MEUS ESTUDOS

(A' SOCIEDADE ESTUDIOSA)

«Et sine parabolis non loquebatur eis.»

MATTH., XIII, 31.

XXIII

A caridade no collégio

Bonifácio dera, desde os mais tenros annos, provas de notavel generosidade de coração. Alliviar os pobres e doentes fôra sempre para elle uma ventura, uma necessidade, uma paixão.

Entrado num collégio com estes bons sentimentos, continuou a preoccupar-se, como na casa paterna, de socorrer os pobres, que justamente pudéramos chamar os seus melhores amigos. Mas, sendo-lhe mais difficil encontrar occasião de exercer a sua caridade, tornou-se santamente engenhoso.

Bonifácio gostava muito de doces. Um dia, em que sua mãe o fôra visitar, viu elle uma pobre mulher que pedia ao porteiro alguns restos de comida para seus tres filhinhos: já meditava no modo de a socorrer, quando sua mãe, entregando-lhe diferentes coisas para seu uso, tirou da malinha de viagem uma soberba caixa de confeitos. O piedoso estudante exulta... Ha que tempos elle não prova semelhantes delicias!... Parece-lhe que aquelles confeitos devem ter um sabor muito mais delicado do que os de outrora. Mas ao mesmo tempo atormenta-lhe o coração a lembrança da pobre mulher. Faz um instante de reflexão, e falla resolutamente a sua mãe:

— Querida mãe, é tam bonita esta caixinha dos confeitos!...

Quereis dar-me um grande gosto?

— Conceder-te tambem a caixa?... E' precisamente o que eu venho fazer. Toma lá: sam teus os confeitos e mais a caixa.

— Não é isso... Quereis... tornar a comprar-me a caixa?...

Olhai: eu vendo-a; quanto me dais por ella?

— Que ideia a tua, Bonifácio!... E para que pretendes tu o dinheiro?

— Dá-lo-hei áquella pobre mulher, para sustentar os seus filhinhos...

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, rendas, abertos mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães—Avenida do Comercio.

ESTABELECIMENTO

—DE—

Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães

63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69

GUIMARAES

N'este estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, imagens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados, em bonitos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas para os mesmos, de que acaba de receber grande sortido.

Os preços são os mais limitados possível.

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com nota

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas-douradas 500 »
Em chagrin-douradas 1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARAES vende-se em casa do sr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

Livros religiosos

Acham-se á venda, na Typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, os seguintes livros religiosos:

A Biblia—*Questão Vital*, pelo P.^o Bento José Rodrigues, com approvação e recommendação da Auctoridade Ecclesiastica. Um volume de 48 paginas, em 8.^o francês 50 rs.
Pelo correio 60 rs.

Os *benefícios da confissão* por F. J. d'Ezerville, accommodation portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primás, 58 paginas em 8.^o: Em brochura 50 rs.
Cartonado 120 »
Pelo correio franco de porte.

Desconto vantajoso aos compradores de 50 exemplares para cima.

Compendio de Historia Sagrada, obra approvada e recommendada por varios prelados, 88 paginas em 8.^o, bom papel, illustrado com 46 estampas. 160 rs.
Remetida pelo correio mais 20 »

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. 32 paginas, em bom papel, 20 rs.
Pelo correio, por cada 5 exemplares, mais 10 reis.

A *Cruz Alliviada ou motivos de consolidação nos trabalhos*, do P. Piamonti, S. J., versão portugueza por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica, 112 paginas, em 16.^o grande: em brochura 120 rs.

Não se satisfazem as requisições que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação.— Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

92

93

—Mas, então, eu hei de levar outra vez a caixa?...

—Oh! fazei-me este favor, e não fallemos mais disso...

Ao terminar estas palavras, Bonifácio abraçou carinhosamente sua mãe, para mais seguramente obter o que desejava. E o certo é que ella deixou-se mover: deu dez tostões a seu filho, e tornou a metter a caixa na mala.

Chegada a casa, contou o caso a seu marido, que era um negociante rico e de bons sentimentos.

—E' possível?... exclama o pae «E tu tiveste ánimo de tornar a trazer a caixa? Bonifácio merecia-a bem como recompensa de seu bom coração. Mas nada perderá, porque eu vou brevemente ao collégio, e terei o gosto de lha entregar.»

Passados dias, o negociante chega com effeito á presença de seu querido filho, e, enxugando duas grandes lágrimas que lhe assomavam aos olhos, abraça-o e entrega-lhe a caixa.

Que fará della Bonifácio?... Que fará?... Oh! desta vez já não tem que reflectir: o artificio já foi estudado; a resolução é tomada promptamente. Simula uma alegria extraordinária, salta, bate as palmas, abraça seu pae um cento de vezes e diz bem alto:

—Como eu estou contente!... Como eu sou feliz!...

—E és feliz, meu querido filho» responde o pae «E eu tambem sou feliz, tambem estou contente de ti.

—Comtudo, querido pae,» diz a creança a meia voz «se vós quisesseis... eu ainda podia ser muito mais feliz e ficar muito mais contente... Eu não me atrevo a dizê-lo... Se quisesseis, como a mãe, comprar-me tambem outra vez a caixinha...

—Não penses nisso!... E' coisa que eu não faço!

—Paezinho, é para matar a fome a uma pobre mãe e a seus tres filhinhos. Se soubesseis quanto soffre quem passa fome!...

O pae, que já não podia disfarçar a commoção, não disse palavra. Tira dez tostões do bolso, entrega-os rapidamente a seu filho, e retira-se levando a caixa.

Mas, apenas tinha dado meia dúzia de passos: «Não é razoavel» diz consigo «o que acabo de fazer. Ainda ha pouco achei mal que minha esposa levasse a caixa para casa... e hei de levá-la agora eu tambem?...

Ei-lo que volta immediatamente ao collégio, mas não manda chamar seu filho. Entrega a caixa ao porteiro, com recado de a fazer chegar ás mãos de Bonifácio, foigando de ter achado meio de recompensar a generosidade de seu filho.

Todos vós sem dúvida meus caros amigos, julgais encantadora

esta pequena história. Mas quero citar-vos outra ainda mais bella. Acabais de ver um estudante privar-se duma coisa de que tanto gostava, para exercer a caridade com os pobres: mas vede agora outro ir até ao ponto de accéitar o soffrimento para poder socorrê-los.

E' tambem a mãe dum estudante que se apresenta no collégio. O seu querido José está na enfermaria, e ella traz-lhe uma bebezagem, que lhe deve restituir a saúde. E' que o director do collégio havia-a informado de que seu filho tinha uma repugnância invencível contra o amargo remédio: e todavia os médicos julgam que, sem elle, é impossivel recuperar a saúde.

A excellente mãe esgotta então quanto o amor maternal lhe pôde inspirar de mais persuasivo, para animar a pobre creança. Exforços inuteis! As palavras mais carinhosas, as promessas mais seductoras, as exhortações mais vivas não logram triumphar da repugnância do filho: a tudo elle fica indifferente. A todos os pedidos responde com esta fórmula: «Não posso!... E' coisa superior ás minhas forças!...

Consternada, inquieta, a boa mãe imaginava inutilmente qualquer novo meio de vencer a sua obstinação, quando se lembrou da feliz inclinação de seu filho para fazer bem aos indigentes. «Ah! meu filho,» diz ella súbitamente «se tu soubesses o que eu ha pouco vi!... Venho duma casa, onde um pobre, todo transido de frio, apenas coberto de alguns farrapos, assentado num velho escabello: nem sequer tem com que accender o lume para aquecer seus membros gelados!... Não terias gosto em alliviar tal miséria?... Pois olha: se tomares o remédio, prometto-te dar-lhe hoje mesmo uma roupa nova completa.»

A estas palavras, a creança commoveu-se: tomou o copo e disse: «Vou ver se posso bebê-lo!» E, com summa repugnância, bebeu-o até meio. Mas o liquido pareceu-lhe tam desagradavel, que, ao parar, disse: «Querida mãe, não posso mais!» — «Então queres» tornou a mãe «que eu só dê meio fato ao pobre?»

Este pensamento dá novo ánimo á creança, que, para obter para o infeliz um vestido completo, toma de novo o copo e lhe bebe o conteúdo até á última gota.

«A caridade deste menino» diz o auctor que refere este caso «é tam extraordinária, que nunca eu nella acreditaria, nem ousaria contá-la, se não fossem o proprio pae e mãe quem mo assegurou.»

«Nada mais edificante» direis tambem vós, meus bons amigos. Todavia enganais-vos: e vou citar-vos ainda um terceiro caso, mais